

Stadium

N.º 180 — 15 de Maio de 1946 — Esc. 2\$00

ESTORIL PRAIA

na Vanguarda da 2.ª Divisão



De joelhos — Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Raul Silva.
De pé — Valongo, Pereira, Eloi, Oliveira, Mateus e Alberto.



FLECHA

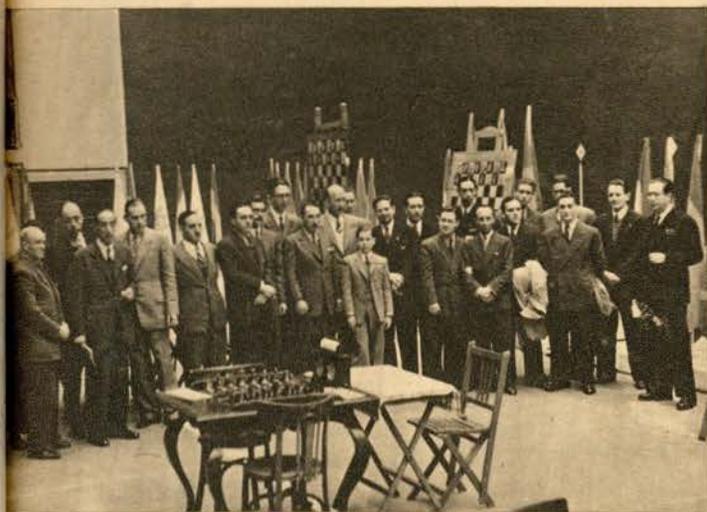
A Bicicleta da Actualidade

STAND FLECHA

Largo do Intendente — LISBOA

Stadium

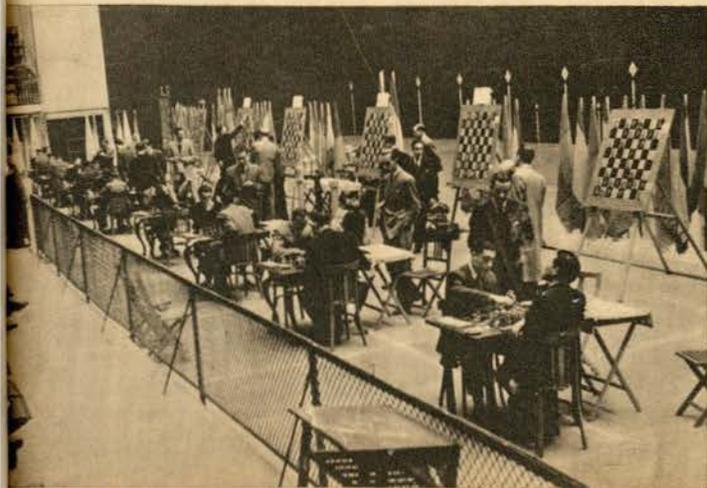
N.º 180 ★ 15 DE MAIO DE 1946 ★ PREÇO 2\$00



As equipas de Portugal e Espanha, antes de começar o encontro



Carlos Pires conhece bem a abertura eslava. Mas toda a atenção é pouca...



Uma imagem admirável. Dá-nos bem a ideia da importância do grande encontro

PORTUGAL ESPAÑA em XADREZ

DEFONTARAM-SE, pela segunda vez, as equipas representativas do Xadrez espanhol e português. A vitória pertenceu de novo à selecção castelhana que totalizou 11 pontos contra 5 dos portugueses. E' incontestável a superioridade dos xadrezistas de Espanha, mas não podemos pôr em dúvida os progressos, ainda que lentos, que os mestres nacionais vêm acusando.

Batida no encontro do Estoril, por uma série de 9 pontos, a equipa portuguesa reduziu agora a diferença para 6 pontos, o que não obstante indica ainda certo desnível de forças. Na forma actual duns e doutros os mestres espanhóis dificilmente devem ceder; contudo as possibilidades reais dos xadrezistas, justificam as merecidas vitórias alcançadas. Pela primeira vez, os xadrezistas portugueses jogaram diante de um público totalmente estranho, num cenário que nada deve aos dos grandes torneios internacionais. Mais de mil pessoas assistiram ao grande encontro, numa manifestação de interesse jamais experimentada no nosso país. A semelhança do que se dá nos campos de futebol, uma claqué apoiou, quase em surdina, Pomar «el niño prodígio», quando se tornou evidente que, desta vez, o jovem mestre balear não levaria a melhor contra o nosso João Mário!...

Eis o resultado:

(Portugal — 5) — (Espanha 11)

Lupi — 0	Medina — 2
Russel — 1	Rico — 1
Moura — 1/2	Perex — 1,1/2
Encarnação — 1/2	Sanz — 1,1/2
Ribeiro — 1,1/2	Pomar — 1/3
Nascimento — 1/2	Fuentes — 1,1/2
Pires — 1/2	Mocete — 1,1/2
Nandín — 1/2	Bové — 1,1/2

Resultados individuais nos 2 encontros:

João Mário Ribeiro — 1,5; Gabriel Russel — 1,5; Carlos Pires 1,5; Rui Nascimento — 1,5; Francisco Lupi — 1; João de Moura — 1/2; Nandín de Carvalho — 1/2; Fernando Encarnação 1/2; Leonel Pias — 0.



Arturito Pomar, o prodígio espanhol, defende-se do «à-vontade» de João Ribeiro, o jovem português, que bateu o adversário



Uma fotografia que impressiona: dois milhares de espectadores assistem inte-

BELENENSES passou o obstáculo

A competição ainda interessa, mas alguns clubes prepararam-se já claramente, para a Taça de Portugal

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA



A jornada com o número vinte da Primeira Divisão podia ter dado um novo rumo ao título. Era o principal problema que comportava!

O Benfica, jogando no Campo Grande, também jogava no Lima. Afinal, o Belenenses passou o obstáculo com as dificuldades próprias e naturais do acontecimento, e mesmo das coisas difíceis, e a esperança começa a abandonar a gente benfiquense. Há ainda, no entanto, uma luz bruxuleante...

Registraram-se os seguintes resultados:

Porto	0	—	Belenenses ..	1
Benfica	4	—	Boavista	2
Atlético	1	—	Oliveirense ..	1
Elvas	4	—	Académica ...	3
Sporting	4	—	Olhanense ...	0
Vitória (S.) ..	3	—	Vitória (G.) ..	1

Quando se observa o quadro dos resultados (exceptuando o caso de Olhão), impressiona o equilíbrio dos números. Que talvez não corresponda a equilíbrio de forças... E daí, quem sabe? Os clubes de segunda plana, ou que se encontram na posição de visitantes, não se deixaram vencer com facilidade. Parece que os mais fracos fazem progressos, e que os mais fortes repousam na sua força.

O Oliveirense arrancou um empate na Tapadinha. Nunca se acorda tarde, e o clube tem ainda possibilidades (frouxas, é certo!) da fuga ao último posto. Seria um grande golpe! O Boavista portou-se muito bem no Campo Grande, e o mesmo se poderá dizer da Académica e do Vitória de Guimarães. Podemos considerar como vítima da jornada o Olhanense, e quer-nos parecer que a equipa tem traços de fadiga, que, juntos a *renascer leonino*, dearam a medida dos quatro-zero.

Tal como se encontram distribuídos os pontos — parece-nos que está tudo resolvido. Bem sabemos que até ao *lanar dos céus é vindima*, e que os dois grandes problemas da competição, o do título e da glória, e do último e da tragédia, num golpe de surpresa, admitem ainda ou-



Berros lenta um remete. Martins frustra, numa decidida saída, o intento

tros casos. Mas se o mundo das hipóteses não está fechado — praticamente, tudo se encontra resolvido. E todos os concorrentes (caso curioso!) têm razões de lamentação. Cada um lembra os seus desastres (*ah! se não fora o empate em tal stílio*), esquecendo-se das adversidades dos outros.

A jornada vigésima não influiu no posto da frente e no caso do último, mas fez mudanças sensíveis na zona sem perigo. Assim, o Atlético subiu para o 5.º posto e o Porto desceu para o 6.º. Por sua vez o Vitória de Setúbal ficou ao lado do Porto, logo seguido pelo Sport Lisboa e Elvas, este num brilhantíssimo oitavo lugar.

A classificação geral, que deve ser atentamente lida pelos aficionados, apresenta-nos o seguinte quadro: Belenenses 34 pontos (66-23 em bolas); Benfica 33 (72-26); Sporting 29 (63-30); Olhanense 25 (60-34); Atlético 19 (33-51); Porto 18 (59-40); Vitória de Setúbal 18 (43-52); Elvas 17 (41-71); Vitória de Guimarães 16 (36-47); Académica 13 (43-69); Boavista 1. (36-66); e Oliveirense 8 pontos (13-63 em bolas).

Para se avaliar das possibilidades relativamente ao título, damos os próximos adversários dos dois clubes da frente. Para Belenenses: Olhanense nas Salésias, e Elvas em Elvas. Para Benfica: Oliveirense em Oliveira de Aземéis e Vitória de Guimarães no Campo Grande.

As posições do último e do penúltimo são como segue: Ao Oliveirense falta deffrontar o Benfica no seu campo, e deslocar-se ao Porto. O Boavista terá ainda

de deffrontar o Porto, no seu campo, e de viajar a Olhão. Pronto! Aqui estão os dados suficientes para toda a espécie de lucubrações. Entretenham-se todos...

O Belenenses deu um passo decisivo



OGAR no Porto e vencer o campeão do norte é sempre difícil, mesmo quando não o parece! Que o diga, mais uma vez, o Belenenses,

que teve de lutar com afincos, e sofrer durante toda a hora e meia, tanto a ser atacado como ao atacar sem goals, para não perder o título no estádio do Lima.

Apesar de tudo (talvez alguém argumente!), o Belenenses dominou a situação, mostrando a ligação das suas unidades, e o mesmo é que afirmar o poder do seu *association*, e tendo igualmente vantagem territorial. Objectaremos que tudo isso está muito certo, mas que uma bola de vantagem para um grupo que tem absoluta necessidade de vencer — *provoca doer, as de coração*...

No capítulo do ataque, os Belenenses tiveram várias oportunidades, sempre desperdiçadas. Só uma vez conseguiu Quaresma acertar na *mouche*. No fundo — o suficiente! Quer dizer: os dianteiros de Belém podiam ter provocado uma derrota, se a defesa clubista, alta em todos os sentidos da palavra, não se comportasse de maneira a inutilizar as tentativas do adversário, e muitas se registaram!

Acrescentamos que os lisboetas viram a sua tarefa de certo modo facilitada pela redução do *quadro portuense*. Todavia, deve destacar-se o comportamento do Porto, pois o *team* aceitou as suas desgraças com serenidade e compor-

tou-se de forma a haver sempre luta em campo. Essa luta *aqueceu*, mesmo, um tanto ou quanto. De resto, tendo feito trovoadas no passado domingo, não admira que saltasse uma ou outra *faísca*...

Os grupos alinharam. Porto — Barrigana, Camilo, Guilhar, Anjos, Romão, Alfredo, Lourenço, Araújo, Correia Dias, Freitas e Joaquim.

Belenenses — Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Armando, Quaresma, Andrade, José Pedro e Rafael. Arbitro — José Lira, de Braga.

Em Lisboa: vitória do Benfica e empate do Atlético!



Benfica alinhou sem três dos titulares, na seguinte formação: Martins, Cerqueira, Artur Teixeira, Jacinto, Moreira, Felton Vieira, Felton Vieira, Rogério.

Arsênio, Júlio, Teixeira e Rogério. Boavista — Oscar, Silva, Vinagre, Raimundo, Serafim, Ramos, Zeca, Armando, Rui, Caiado e Barros.

Arbitro — Ocaso Matias, de Setúbal.

Tendo em vista o valor dos dois grupos, e a sensível diferença de classe que os separa, parece-nos indiscutível que os portuenses se comportaram melhor do que os lisboetas.

A equipa do norte jogou sempre com acerto e procurando ligar os esforços de unidade para unidade, em jogo de combinação. Nada de futebol ao acaso, sem tino nem rumo! É certo que o processo adoptado pelo Benfica contribuiu para robustecer o ânimo boavista, dando-lhe coragem. Mas os seus elementos corresponderam, e se a defesa cumpriu (especialmente o guarda-redes!), também o ataque forjou movimentos de qualidade.

O Benfica jogou sem preocupações, e este jogar sem preocupações origina, por vezes, *surpresas*! Quando *atacou a fundo*, obrigado pela forma como o encontro decorria e pela escassez do *score*, o grupo revelou, então, a harmonia do seu conjunto, e mesmo a graça dos seus movimentos rápidos, imprevistos e desconcertantes.

Alinhou o Atlético com Ernesto, Baptista, Ventura, Rosário, José Lopes, Morais, Manuel da Costa, Oscar, Gregório, Rogério e Marques.

Oliveirense — Teixeira, Henrique, Joaquim, Oliveira, José Tavares, Eurico, Domingos, João Tavares, Santos, Zeca e Armando. Arbitro — Evaristo Santos, de Setúbal.

As condições em que a partida da Tapadinha se disputou não eram desfavoráveis para o Oliveirense, grupo de rapazes fortes e de mais bela energia. Jogadores de quem se pode dizer que mais não fazem porque de mais não são capazes!...

Os oliveirenses deixaram boa impressão. Na disputa da bola — ganharam muitas vezes. Não se limitando a organizar a defesa — o seu guarda-redes conseguiu uma destas exibições que ficam na carreira de um jogador! — mas dando-se também ao ataque com entusiasmo.

Certamente — os atléticos foram bem superiores! Mas isso

A DESFORRA DE LISBOA

podia ter sido mais expressiva

O segundo encontro da época entre as seleções do Porto e de Lisboa corrigiu a impressão deixada pelo desaire lisboeta de há quinze dias, mas não contribuiu para melhorar o conceito que se deve formar relativamente à classe do andebol praticada nas duas regiões. A partida decorreu animosa, com vantagem acentuadamente pendente para os sudistas, mas de resposta sempre pronta por parte dos nortenhos; agradeceu pela correcção dos jogadores e pelo empenho sempre demonstrado em fazer o melhor que podiam.

Penderam, no entanto, bastante pouco.

A feição geral da contenda consistiu no trabalho porfiado e dominador das meia-defesas e defesas lisboenses, desbaratando os atacantes contrários e emparrando para diante uma linha avançada trapalhona no domínio de bola, na colocação no terreno e na organização das jogadas, na qual apenas Marreiros se salvou.

Foram inúmeras as fases de assédio à baliza de Lacerda, mas pouco frequentes as ocasiões de perigo evidente; os cinco avançados lisboetas juntavam-se na mesma zona do terreno, facilitando a defesa, largavam a bola ao acaso e, quase em regra, tarde. As aberturas aos extremos raro resultaram, porque não eram ditadas pelas circunstâncias, mas sim pelo capricho do executor, sem preocupações de marcação pelo adversário. Neste pormenor, Ceia consentia completa anulação, nunca se antecipando a uma jogada e praticamente nada produzindo de útil para a equipa.

É contado a equipa de Lisboa merecia ganhar por muito maior diferença de bolas, tanto foi o tempo que permaneceu senhora

da bola em terreno adversário mercê da actividade e da eficiente acção dos seus homens da retaguarda.

Macara, o melhor homem no campo, Miranda e Jaime Silva, Natividade e Valério, escadados na agilidade felina de Almasqué (que lástima aquele último ponto sofrido!), bastaram para o temido quinteto atacante portuense, que, desta vez, só duas vezes marcou em remate de jogadas de sua construção.

A parêntese defensiva de Lisboa adoptou sistema diverso do que fora seguido no Porto quinze dias atrás; em vez da marcação por pares, com defesa móvel no seguimento das evoluções dos adversários directos, empregaram de preferência um método fixo, de espera pelo atacante, para se lhe opor à passagem, ou intervir em antecipação no momento preciso. Esta foi, a nosso ver, a razão do aumento de rendimento global da equipa em relação à sua predecessora.

Louvores incondicionais a todos os jogadores pela sua compostura e desportivismo exemplares. Assim se prestigia uma modalidade.

Lamentemos o desinteresse do público, embora desta vez haja a contar com os efeitos do dilúvio que tombou sobre a cidade mesmo na pior ocasião.

O árbitro sr. Vieira mostrou a sua competência; mostrou, até, que sabe muitíssimo bem o que está a fazer. Discordamos apenas do critério que o levou a interromper, para conceder lance livre, os ataques lisboetas dentro da área portuense, quando, apesar da falta de defesa, o atacante continuava na posse da bola. Beneficiou assim o infractor, e o caso é tanto mais para estranhar quanto seguia critério diferente nos casos idênticos sucedidos no meio do terreno.

José de Eça



Oscar defende a bola num ataque benfiquista

não depõe contra o seu adversário... Pelo contrário, eleva-o. Os rapazes do Tapadinha *caíram*, mais uma vez, no exagero do *passé* e do pequeno toque de bola, compreensível e justificável em relva enxada, mas incompreensível e injustificável nas condições em que o magnífico campo se encontrava.

Depois do empate, os lisboetas lançaram-se com invulgar energia e entusiasmo na conquista dos *goals*. Mas a porta estava bem fechada por Teixeira, e nas vezes em que a conseguiram abrir, a sorte fugiu-lhes. É assim o jogo da bola!

Sporting venceu em Olhão e fez experiências...



AO como são as coisas! O Sporting, sentindo as *doenças*, trata de ver se consegue remédio para os seus padecimentos, um dos quais se chama deficiência

de interiores, uma função valiosa de ataque. A solução, seja qual for o resultado que o tempo dite, é inteligente. Buscam-se dois interiores novos, um forte de corpo (o que não é indiferente para o caso!), outro ágil e homem de bons pés.

É certo que a vitória de domingo passado sobre o Olhanense, concludente e expressiva, tem vários pormenores a favorecer-lá, ao que parece: uma arbitragem que teria deixado passar uma ou outra falta sportinguista com influência no jogo, e a lesão de duas unidades olhanenses. Todavia, os números exprimem, com uma eloquência que não pode deixar de nos convencer, que o Sporting deve ter realizado excelente partida no estádio Padinha. Jogou, por certo, com serenidade e sabendo o que estava a fazer, consciente dos seus méritos. A maneira, simples e fácil, como os vários golpes surgiram em campo, representa método e estudo, e também boa percepção por parte de quem pratica e executa...

O Olhanense chegou a desorientar-se. Encovou-se um pouco! Que é isso senão sinal de ter sido dominado pelo adversário, tecnicamente? Frisemos, no ponto de vista técnico. Porque, às vezes, um grupo invade o território do adversário, e não provoca pânico... O domínio técnico é outra coisa, e deve distinguir-se do territorial. Os algarvios introduziram várias modificações no seu ataque, e isso também deve ter favorecido os lisboetas. Em todo o caso, visiono cá, de longe, um

certo abaixamento na equipa algarvia.

Olhanense—Andrade, Zita, Nunes, João Santos, Grazina, Loulé, Moreira, João da Palma, Cabrita, Salvador e Eminência.

Sporting—Azevedo, Cardoso, M. Marques, Veríssimo, Barrosa, Juvenal, Jesus Correia, Sidónio, Peyroteo, Roqui e Albano. *Árbitro*—Aureliano Fernandes, de Setúbal.

Elvas, um «team» que brilha!—O Vitória ganha em Setúbal



U M desafio em que se marcam sete bolas sempre tem atractivo! O *goal* é o grande momento, a substância do próprio futebol. Mas quando essas bolas, quatro-a-três, exprimem luta cerrada de parte a parte, energia, entusiasmo e interesse, ainda há mais motivos para o jogo agradar.

A primeira parte acaba sem *goals*, mas qualquer dos grupos investiu furiosamente, algumas vezes, em frente das balizas do adversário. O mau remate, ou a sorte, é evidente que os jogadores não podem ter um compasso nas pernas, frustraram todos os intentos. Em seguida, no segundo tempo—veio a avalanche.

Fizeram-se vários ataques de lado a lado, e as defesas viram-se batidas com frequência em jogadas precisas e claras. O Elvas tomou ascendente e só descansou um pouco quando os louros estavam colhidos. Mas a Académica foi o que se deve entender um bom vencido.

Elvas—Semedo, Ameixa, Fernandes, Rana, Alcobia, Rebelo, Morais, Massano, Patalino, Aleixo e Quim.

Académica—Jacques, Messias, Mário Reis, Branco, Brás, António Maria, Angelo, Azerede, Gargão, Nana e Bentes. *Árbitro*—Manuel da Silva, de Lisboa.

Nos Arcos, o Vitória de Setúbal formou—Acácio, Montez, Soeiro, Pacheco, Pina, Figueiredo, Campos, Nunes, Ataz, Rendas e Cardoso Pereira.

Vitória de Guimarães—Machado, Lino, João, Luciano, J. Maria, Garcia, Dias, Miguel, Curado, Alcino e Arlindo. *Árbitro*—A. J. Santos, de Lisboa.

O desafio tem pouca história, ainda que todos os resultados tenham a sua história... Os Setubalenses dominaram o seu adversário. Aberta e completamente?—Por certo que não... Os jogadores de Guimarães reagiram. Mas uma coisa é querer, e outra não poder. O estado do terreno deu facilidades aos de melhor físico e mais pesados, e dificuldades aos de menor peso e força muscular. Resultou de aqui, mais depressa do que o que sucederia em condições normais, o *desgaste* das unidades de Guimarães. E os setubalenses ganharam facilmente. De resto, o grupo está a ganhar coesão.

Separata:
"Biografias desportivas"

Basquetebol

A sorte do campeonato nacional desta época está lançada. Depois da vitória do Benfica sobre o Vasco da Gama, por 41-31, do F. C. do Porto sobre o Conimbricense e do Atlético sobre o Belenense, parece certo isto:—que o título pertencerá ao Benfica e o último será o Conimbricense.

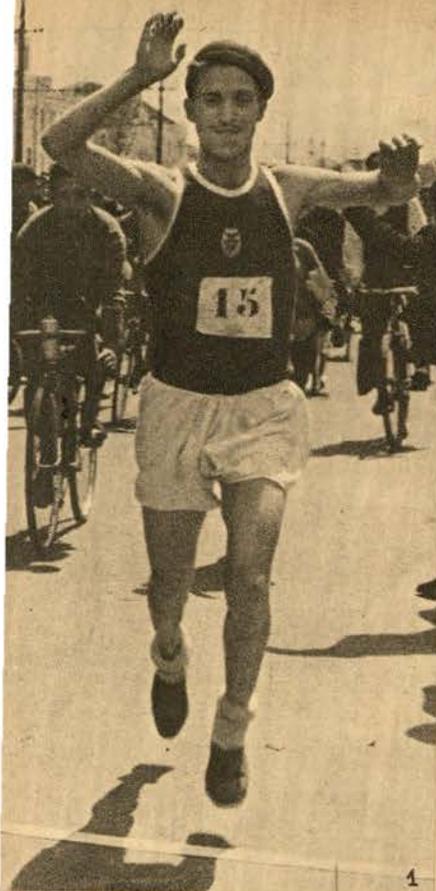
A menos que... Sim, a menos que os rapazes de Coimbra consigam vencer, no seu campo, o forte grupo do Sport Lisboa e Benfica. É isso não parece nada fácil.

Os lisboetas ganharam meritariamente ao Vasco da Gama, que perdeu a própria vantagem em adquirir no seu campo. A formação portuense não impressionou como contra o Belenense, e por isso pôde o Benfica assegurar o resultado.

No Porto, os azuis e brancos do F. C. P. derrolaram o Sport por um resultado expressivo:—53-28. A despeito de algumas derrotas sofridas, o F. C. do Porto não se tem comportado mal no torneio, faltando-lhe ainda jogar com o Belenense no Porto e o Atlético em Lisboa.

JOÃO SILVA

*Bom atleta e excelente rapaz...
Quando em corrida
não gosta de ver ninguém à frente!*



PORTUGAL tem um grande corredor! João Silva, um campeão com popularidade. Na estrada, ou na pista, João Silva tem sucessivamente conquistado para a sua carreira de atleta e para o seu clube — o Benfica — uma soma valiosa de triunfos, ao mesmo tempo que afirma o seu inegável valor, a razão de o supremo capaz de alinhar ao lado dos grandes atletas. Ah! Se fosse possível rodear este rapaz de cuidados, e trabalhá-lo somente para fazer dele um corredor?...

— Há mais de 15 anos que sou corredor, diz-nos o magnífico atleta benfiquense, no espaço de tempo em que saltou de um eléctrico para nos vir vender um jornal.

— Sempre do Benfica?

— Corri no Vendedores de Jornais, no começo da minha carreira.

E com um sorriso gaiato.

— Que eu sempre corri, nesta vida de vender os jornais... Tomei parte em muitas provas e vi também muita vez os outros gosarem os seus triunfos.

— E pensou que poderia ser campeão?

— Exactamente. Era o meu maior desejo. Não porque quisesse só conquistar vitórias, mas também porque gosto de correr! Enquanto me não sinto só, em corrida, não descanso, luto a bom lutar. Claro que obedeco a uma tática, pois não corro à doida. Aliás no Benfica tenho colhido bons ensinamentos. Mas tenho cá o meu feitio...

— Porque foi para o Benfica?

— Quando o Vendedor de Jornais abandonou a actividade, todos nós, os que o representávamos, escolhemos os clubes da nossa maior simpatia. Eu fui para o Benfica.

— Sente-se bem no clube?

— Muito. Creio, mesmo, que, se não fosse para o Benfica, não conseguiria alcançar tão bons resultados.

— De grande campeão, atalhámos.

João Silva, sorri, satisfeito. Recordamos, então, alguns dos seus melhores triunfos. O seu nome começou a ser destacado

ai por 1933. João Silva começava dando nas vistas. Facilidade de corrida, e energia. Parecia estar ali um campeão. E estava. O Benfica tomou conta do

atleta e João Silva, integrado na equipa clubista, começou a dar caplêndida colaboração no «cross» e nas provas de fundo e meio fundo. Ao mesmo tempo o seu nome aparecia na estafeta Cascais-Lisboa, em vitórias parciais.

Em 1944, João Silva impunha o seu valor devidamente. Surgiu o grande corredor! Em júniores, nos 3 mil metros, o atleta estabelecia o tempo «record» de 9^m e 8^s.

A sua passagem a «senior» deu-lhe o melhor palmaré. Nos 10 mil metros, no campeonato regional e nacional, João Silva faz o tempo de 32^m, 15^s e 8^s/10.

Na sua série de vitórias regista-se o ter batido o «record» dos 10 mil metros, que há 18 anos pertencia a António de Almeida.

Está João Silva em boa disposição para prosseguir na sua carreira de corredor e de campeão?

— Sinto-me bem e capaz de fazer melhor.

Assim o julgamos também. João Silva não atingiu ainda o limite de tudo quanto é capaz de fazer.

Tem aspirações, este magnífico corredor, vindo de uma camada de gente que trabalha: os vendedores de jornais, de onde tem saído o melhor lote de corredores portugueses de fundo.

— Que faria João Silva se o pudéssemos levar a competir com estrangeiros de verdadeira classe?

Os olhos do pequeno vendedor de jornais tomaram mais vida. E em uma exclamação franca:

— Isso era bom!

Nós achamos que era o que o nosso desporto devia fazer. Este rapaz que reúne tantas qualidades, que anda demonstrando, prova a prova, a sua excelente categoria, pode aspirar perfeitamente a ser um representante do nosso atletismo no estrangeiro.

Recordam-se do seu brilhante comportamento no III Portugal-Espanha?

João Silva — um grande corredor português — continua, porém, entregue à sua faina de sempre, de manhã e à tarde, alegremente, a vender jornais, e a consumir as suas energias.

O atletismo, que o prende e fascina, ainda conta com ele. Oxalá o retenha por bastante tempo na sua actividade aproveitando o muito do que ele é capaz de fazer, enquanto, pela nossa parte, sonhamos com a possibilidade de o vermos, corredor extraordinário, defender com glória as cores nacionais alem-fronteiras.

FERNANDO SÁ

★ ★ ★

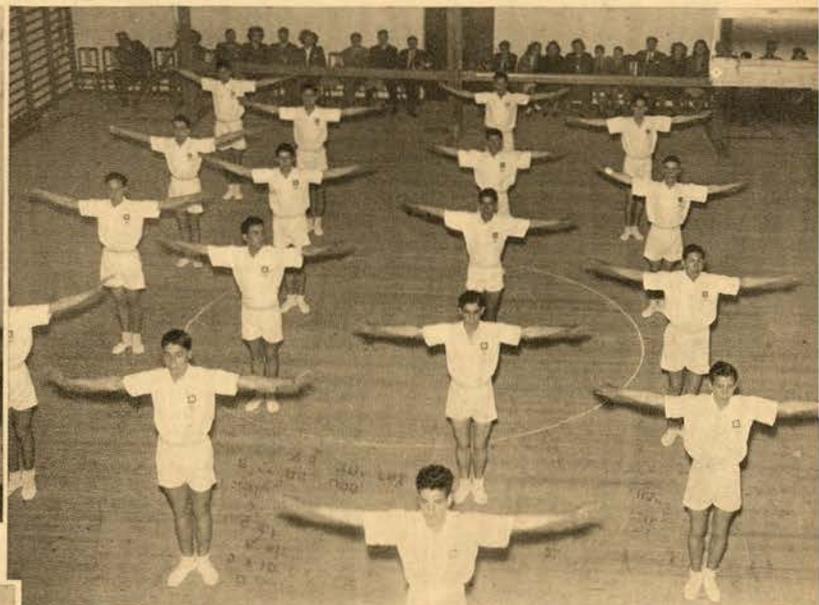
1 — João Silva, ao chegar à meta, vencedor da corrida de 15 quilómetros. 2 — João Silva é um profissional brloso. Aqui o vemos, a vender o jornal a um ciclista... 3 — ... e aqui, saltando para um eléctrico, a fim de servir os seus clientes. 4 — A velha rivalidade? Nada disso. João Silva é amigo de Afonso Marques, rival do Sporting. Rival e amigo — porque lhe cede algumas «folhas»



A FESTA de Ginástica da MOCIDADE PORTUGUESA



Um ginasta da Beira Litoral, num magnifico salto de plinto



A classe de ginástica do Barreiro, num esquema que impressionou agradavelmente



A classe de Beja — A ginástica domina em todos os centros



Os representantes da Beira Litoral em exibição

A Mocidade Portuguesa tem uma obra desportiva admirável. Seguida cuidadosamente, merece o aplauso de quem gosta do desporto em toda a sua profundidade, e ainda agora pôde ver-se isso mesmo, em presença do Concurso Nacional de Ginástica, realizado na Casa da Mocidade.

O Concurso foi elaborado cuidadosamente, e tal não surpreende visto que intervieram nomes cultos do desporto e da ginástica: capitães Alberto Feliciano Marques Pereira, José Reverendo da Conceição e João José Domingues.

Estiveram representadas as Divisões do Minho, Douro Litoral, Estremadura, Beira Litoral e Alto Alentejo, que nos revelaram a certeza da sua extraordinária aplicação à cultura física. De resto, nas mais variadas modalidades desportivas, tem conseguido esta briosa organização impor-se e prosperar.

A Mocidade Portuguesa pratica a ginástica. Pratica o remo, a natação, a vela, o futebol, o oquei, o volei, o basquete, o atletismo. E muitos representantes seus, valerosos e habéis, tem dado ao desporto nacional o melhor esforço e a prova de que procuram cumprir dedicadamente.

Para apreciar o valor dos filhados da Mocidade no campo da Educação Física será preciso assistir de perto à sua evolução firme e seguramente bem dirigida. A vitória da Mocidade Portuguesa é uma vitória da organização e da disciplina. É uma vitória do desporto bem ensinado. A Direcção dos Serviços de Educação Física e Desportos, por isso mesmo, tem direito aos mais francos aplausos. Não lhes regateará certamente quem apreciar a sua magnífica obra.



Na Sociedade de Geografia realizou-se a sessão de encerramento. Não faltou solenidade e extraordinário entusiasmo, prova de que o Concurso Nacional de Ginástica serviu para provar a excelente aplicação da Mocidade Portuguesa no campo da Educação Física

A vida desportiva POR ÊSSE MUNDO FORA

FUTEBOL

O Campeonato das Ligas Inglesas

TERMINOU no sábado, 4 do corrente, o campeonato de futebol das Ligas Inglesas, encerrando-se virtualmente a época do popular desporto na Grã-Bretanha.

Na Liga Norte, conforme se disse já nestas colunas, saiu vitorioso o Sheffield United, que em 42 jogos obteve 27 vitórias, 6 empates e 9 derrotas, totalizando 60 pontos. Seguiu-se-lhe o Everton com 23, 9 e 10, respectivamente, alcançando 55 pontos. Atrás vieram o Bolton Wanderers e o Manchester United, com 51 e 49 pontos.

Na Liga Sul, sucedeu o inesperado. O Charlton empatou com Wolverhampton por 1-1 fora de casa, descendo ao 3.º posto. Como o Birmingham derrotou o Luton Town por 3-0, a média de tentos favoreceu-o, alcançando-o o 1.º posto com 61 pontos.

O Aston Villa, possuindo igual pontuação, ficou em segundo lugar. Foi o grupo que sofreu menos derrotas durante os quarenta e dois jogos do torneio (6).

Em quarta posição instalou-se o ganhador da Taça, o famoso Derby County, com 55 pontos.

A Taça dos Amadores foi ganha por Barnet, vencendo Bishop Auckland.

Para a próxima época os clubes regressaram aos lugares que ocupavam antes da guerra. É curioso notar que os vencedores da Liga Sul terão de ingressar por esse efeito na Segunda Divisão.

No sábado realizou-se em Londres o desafio entre as equipas nacionais inglesa e suíça; no dia 19 devem encontrar-se em Paris os *teams* francês e britânico.

Com estes dois jogos internacionais descerá o pano sobre o palco do futebol.

A Irlanda vence Gales por 1-0...

EM Cardiff, o grupo nacional irlandês derrotou o galense por 1 bola a zero.

O jogo foi muito inferior em qualidade. A única nota digna de menção deve-se ao médio-esquerdo irlandês, Waters, que desceu ao terreno com as meias enroladas ao nível dos tornozelos e sem *caneleiras*.

Assistiram cerca de 45.000 espectadores. Sloan marcou o único tento da partida.

... e a França bate a Áustria

NO estádio de Colomnes o grupo nacional francês ganhou por 3 bolas a 1 à selecção nacional austriaca, após um jogo brilhante e enérgico.

«Taça Generalíssimo»

VÃO disputar-se, no próximo domingo, as meias finais da «Taça Generalíssimo», tendo-se feito o sorteio, que deu o seguinte resultado: Valência-Sevilha e Oviedo-Real Madrid.

No domingo, o Madrid derrotou o Alcoyano por 2-0, Córdoba perdeu com o Oviedo por 2-1, o Sevilha ganhou ao Aviacion por 6-3 e o Granada venceu o Valência por 1-0.

BASQUETEBOL

Os Campeonatos Europeus foram ganhos pela Checo-Eslóvaquia

NO primeiro dia de maio começaram a disputar-se em Genebra os campeonatos europeus de basquetebol, participando quinze nações. Durante a primeira reunião, a Checo-Eslóvaquia venceu a Suíça por 29-17, a Itália bateu a Polónia por 40-25 e a Hungria por 38-31.

Esta última ganhou ao Luxemburgo por 45-10, enquanto que a França esmagou a Inglaterra por 65-11.

Na primeira semi-final, a Checo-Eslóvaquia derrotou a Hungria por 42-28 e a Itália ganhou a França.

Nos restantes encontros, a Inglaterra perdeu com o Luxemburgo por 50-27 e a Bélgica dominou a Polónia por 39 a 22.

A final foi ganha pela equipa da Checo-Eslóvaquia, vencedora da Itália por 34 pontos a 32, proclamando-se campeão da Europa desta especialidade.

NOTA DA SEMANA

TEMOS tido várias ocasiões de salientar aqui a importância e entusiasmo causados pelo futebol em quase todos os países europeus e sul-americanos. A sua popularidade, em vez de estacionar, cresce com os anos e pouco falta para dominar no espírito das pessoas mais avessas a espectáculos desportivos.

Chegam-nos agora duas notícias de extravagante fantasia, embora reais e autênticas. Reflectem de modo seguro e com flagrante oportunismo o império exercido pelo jogo da bola, revelando como cresce a seita dos seus prosélitos de dia para dia.

Vamos à primeira. Dizem, de Londres, que choveram na secretaria da Federação Inglesa de Futebol cerca de 20.000 pedidos de marcação de bilhetes para o próximo jogo internacional entre a Escócia e a Inglaterra. Este desafio só deve realizar-se em Abril de 1947!

Como antecipação e ansiedade, é o que se chama madrugagar, mas a federação devolve todos os pedidos aos signatários.

Vamos à segunda. Um sujeito de Plymouth, chamado Jack Ayers, com 52 anos de idade e que se emprega como trabalhador em um jornal daquela cidade inglesa, jamais assistiu a qualquer desafio de futebol. Assim mesmo: nunca viu dar um pontapé na bola! A sério, bem se compreende...

Pois, contagiado pelo que ouve e lê no jornal onde moureja, decidiu-se a arriscar dois dinheiros (cerca de cinco tostões...) num concurso de prognósticos do jogo de futebol. Por capricho do Destino, esta criatura foi premiada com a bagatela de 19.000 libras (mil e novecentos contos...) depois de efectuado o sorteio.

A primeira vista, pode parecer que o acaso, somente o acaso, favorecesse este felizado. Julgaremos mais próprio supor que a atracção pelo futebol, inconsciente mas irresistível, o haja arrastado para a sua órbita e lhe conduzisse ao encontro a riqueza inesperada.

R. B.

ATLETISMO

Os Campeonatos Universitários de Espanha

OS campeonatos de atletismo, universitários, espanhóis, concluíram com desusado brilhantismo.

Houve excelentes resultados nas algumas provas, e vê-se que os nossos vizinhos se preparam com afinco para lutar contra a selecção portuguesa.

O saltador Wallhonrat bateu o «máximo» universitário do salto em comprimento, alcançando 6,98 metros e 7,09 fora de concurso; Forcano fez 36,16 metros no lançamento do martelo e no dardo Apellániz atingiu 56,78 metros, batendo o *record* nacional.

Nos 1.500 metros Juan Adaraga venceu os seus competidores com o tempo de 4 minutos 10 segundos e 4/10.

Os restantes resultados são mais modestos, embora bastante apreciáveis.

RUGBY

O Campeonato de Espanha

O campeonato de Espanha de «rugby» foi ganho pelo Clube de Futebol de Barcelona sobre o Sindicato Espanhol Universitário,

de Madrid, pelo elevado *score* de 23 pontos a 13.

No final da partida, o presidente da Federação entregou ao capitão do Barcelona a Taça «Generalíssimo», que ficou definitivamente em poder dos vencedores.

BOXE

Kid Tunero venceu Rodri

O cubano Kid Tunero, que durante alguns anos constituiu forte ameaça para o campeão do mundo Marcel Thil, derrotou

TÊNIS

A Suíça eliminou a Espanha para a Taça Davis

A equipa nacional suíça, composta de Spitzer, Busser e Hocender, derrotou os tenistas espanhóis por 3 vitórias a 2 na primeira eliminatória da Taça Davis.

O jogo mais disputado foi o de pares, que decidiu a contenda. Nos jogos singulares distinguiu-se o catalão Luis Carles, vencedor de Spitzer e Hounder.

agora em Barcelona, depois de violento combate, o pugilista espanhol Rodri.

Fazendo alarde de uma técnica variada, de potência física notável e de um domínio de «ring» absoluto, o cubano alcançou um triunfo por pontos absolutamente rotundo.

Na mesma reunião, Lorente derrotou Martinez Perales por K-O ao 7.º assalto.

Consta que Tunero combaterá em breve contra Arceñiega ou contra Cerdan.

Outra vitória de Minelli

O pugilista italiano Aldo Minelli voltou a derrotar por pontos Garcia Alvarez, na Praça de Touros de Valência. O campeão de Espanha foi francamente dominado e nos últimos assaltos esteve em perigo de ser abatido por «fora de combate».

Em semi-fundo, Folgado derrotou Eloy por decisão do árbitro, após um combate duro e sangrento.

O anunciado combate entre Cerdan e Inácio Ara não se consumou. Como era previsível, o pugilista casablanquino dificilmente aceitaria o *match*, dadas as enormes dificuldades de transferir para o seu país o dinheiro da sua remuneração.

Como nasceu e evoluciona o basquete

Um artigo inédito de Pierre Lorme

Serviço de crônicas EXTINFOR
Exclusivo para «Stadium»

A primeira guerra mundial terminara. Camprida a sua tarefa vitoriosa, os soldados americanos aguardavam, como hoje, o momento de regressar à sua pátria. A Y. M. C. A., cuja existência se revelava à Europa, panha em acção os seus poderosos meios para distrair esses rapazes e arrancá-los à ociosidade, inimigo número 1 do soldado em tempo de paz.

Nas aldeias, todas as tardes, os garotos, sempre prontos a faltar às aulas, em busca de distrações, aglomeravam-se na praça para verem os «Sammies» dedicarem-se a um jogo curioso e animado, lembrando simultaneamente o futebol e o rugby. A finalidade do jogo era atirar uma bola de coiro para dentro de um cesto furado, extravagantemente encaixado numa espécie de poste. Terminada a partida, as crianças e os adolescentes, sob o olhar divertido dos latagões em cãqui, exercitavam-se nesse novo desporto.

Foi assim que o basquetebol se iniciou em França.

O recém-nascido de 1919 fez carreira desde essa data. Em menos de 20 anos, conquistou a Europa. O número dos seus adeptos aumenta todos os dias, ao ponto de fazer concorrência muito séria a outros desportos, todavia sólidamente enraizados, tais como o futebol e o rugby. E ninguém pode prever até onde ele poderá estender o seu império.

Apenas para a França, bastam dois números para pôr em evidência a voga do basquete: em 1940, a Federação contava 33.000 inscritos; em 1946, conta 76.000.

O mais «cômodo» dos desportos de bola

Onde deve ser procurada a causa do espantoso desenvolvimento do basquete? Em razões de ordem simultaneamente material e espiritual. Espiritual, por motivo das afinidades que existem entre a Y. M. C. A. e as associações católicas de patronato, numerosas e poderosas em

França. Era natural que os educadores cristãos de França se inspirassem nos métodos de educação em honra da Y. M. C. A.

Razões de ordem material: o basquete é, se assim se pode dizer, o mais «cômodo» de todos os desportos. Apresenta pouco perigo. A sua prática não suscita nem oposição nem reticência da parte dos pais. As equipas são apenas de cinco jogadores, sempre muito mais fáceis de formar do que um «onze» de futebol ou um «quinze» de rugby. O basquete necessita apenas um espaço restrito e um piso não importa de que natureza: terra batida, relva, madeira, oleado, etc... Enfim, as instalações ao ar livre ou em salas são de uma extrema simplicidade: dois postes, um cesto em rede furado e eis um terreno de basquete pronto a receber as equipas.

Onde a técnica se substitui à improvisação

Produziram-se, contudo, profundas transformações. Transformações que se situam no período que precedeu a última guerra, cerca de 1936 ou 1937.

Até então, a técnica do basquetebol tinha sido abandonada um pouco à improvisação, à fantasia dos jogadores, das equipas e dos clubes. Mas eis que de há uma dezena de anos, a influência dos métodos americanos, a demonstração da sua eficácia pelas equipas dos Estados Bálticos: Letónia, Lituânia, Estónia, incitou os dirigentes do basquetebol francês a disso também aproveitarem.

Viu-se então aparecer uma técnica nova, estudada, científica, regulando a acção dos jogadores em cada fase do jogo. Viram-se mesmo aparecer combinações numeradas, postas em execução à ordem do capitão, tudo como no futebol americano.

Ao mesmo tempo, surgiram jogadores que, além das suas qualidades atléticas, tinham o gosto de ensinar o seu jogo favorito aos jovens e aos principiantes. Podem-se citar, entre os mais célebres, Flouret, Busnel, Lesmayoux, Fabrikant, Fraizot, que, todos, formaram e treinaram excelentes equipas.

Os resultados foram surpreendentes. Em pouco tempo, a equipa de França, até então largamente dominada, guindou-se ao nível das melhores equipas europeias. Nos campeonatos da Europa, classificou-se, em terceiro lugar, em 1937, em quarto, em 1938 e em terceiro, em 1939, a seguir à Lituânia e à Estónia, onde o basquetebol é o verdadeiro desporto nacional. Em outubro de 1937, na Taça das Nações, a França batia a Lituânia por 25-24; em fevereiro de 1938, perdia a sua partida em Kaunas, por 36-24; desforrou-se por 25-18. Temos o direito de concluir destes resultados, que o basquetebol francês fazia muito honrosa figura ao lado do dos bálticos, campeões incontestáveis deste desporto.

A conquista da província

Uma outra evolução a frisar, desde há sete ou oito anos, é a difusão do basquetebol na província. Não há muito tempo, as equipas de Paris dominavam facilmente as da província. Esta superioridade resultava evidente do poder de recrutamento e de educação dos patronatos de Paris. Por outro lado, era apenas em Paris que estavam montadas instalações numerosas e cómodas. Mas sucedeu, cerca de 1936, que excelentes jogadores, formados em Paris, fossem chamados à província pelas suas ocupações. Sob o seu impulso, foram adaptados terrenos e edificados estádios.

O prestígio dos grandes internacionais atraiu a juventude. E a juventude atraiu o público. De modo que agora, em Lião, Bordeus, Marselha, Lille, Toulouse, Rennes, Nice, equipas locais podem rivalizar com os grandes clubes de Paris, tais como o U. S. Metro ou o Avia Clube.

Os dirigentes do basquetebol francês afirmam que, apenas a insuficiência do número de salas e de terrenos modera ainda o desenvolvimento deste desporto.

Existem no entanto outras dificuldades graves, devidas às circunstâncias: é quase impossível, na hora presente, encontrar equipamentos: camisolas, calções,

e, em especial, calçado com solas de borracha. E os pobres rapazes, que não conseguem desenterrar esses tesouros no fundo de velhas malas, nos sótãos abandonados, ficam reduzidos a alpargatas de esparto ou, mesmo, a sapatos velhos. Mas isto são obstáculos passageiros, que em breve se espera ver desaparecer.

Confiança no futuro

Um antigo jogador internacional, hoje alto dirigente da Federação Francesa de Basquetebol, dizia-nos recentemente:

— O basquetebol de 1946 já não é o basquetebol de 1919. Tomou uma feição atlética e violenta que seduzia os jovens, sem no entanto apresentar os mesmos riscos de acidentes que o rugby, por exemplo.

«No dia em que os estádios bem instalados forem bastante numerosos, no dia em que as tribunas possam, como na América ou nos países bálticos, receber os espectadores por milhares, o basquetebol roubará aos outros desportos da bola uma grande parte dos seus efectivos e do seu público.

«Na América, por exemplo, o basquetebol é o desporto-base, o desporto educativo por excelência, e as grandes partidas decorrem perante multidões tão compactas e tão barulhentas como o rugby.

— E nos Países Bálticos? Donde vem essa predilecção extraordinária e duradoura pelo basquetebol?

— Verificou-se que o basquetebol se adapta maravilhosamente às qualidades físicas e morais dos lituanos, dos estónios e dos letões. Além disso, dirigentes houve que compreenderam imediatamente o interesse desse desporto. Fez-se o esforço necessário para instalar terrenos, salas, tribunas. O sucesso, sucesso de efectivos, sucesso desportivo, sucesso de público, veio por si. O mesmo sucederá em França, tenha a certeza, no dia em que as condições forem idênticas.

— E quais são as suas esperanças desportivas, para o futuro?

— Temos confiança. Fomos batidos na Bélgica, em maio de 1943, mas honrosamente. O mesmo aconteceu na Checoslováquia, onde os nossos jogadores se defenderam muito bem. Mas o nível do jogo melhora. Estou certo de que, logo que volte a verdadeira paz, os jogadores de basquetebol franceses não estarão de forma alguma deslocados na companhia das melhores equipas da Europa... Ter-se-á, aliás, em breve, ocasião de situar com mais exactidão o basquetebol francês no plano internacional quando do França-Suíça, a 9 de Maio de 1946, e dos próximos campeonatos da Europa.

CAMPEONATO DE JÚNIORES DA A. F. L.

O Sporting conquistou o título

O título de campeão regional de júniores pertence desde domingo ao Sporting Clube de Portugal. Os leões, afastados do primeiro lugar há anos, puderam levar de vencida, esta época, os seus adversários, e entre eles o Sport Lisboa e Benfica, campeão nacional do ano findo.

Nesta fase final do campeonato entraram equipas do Sporting, Benfica, Belenenses, Cuf, Estoril, Cascais, Cascalheira e Chelas. De entre todos, pode bem afirmar-se que o Sporting manteve superioridade—embora ligeira quando em luta com as equipas principais.

No último domingo, os nossos campeões venceram o Cascalheira por 5-0, enquanto que o Benfica

derrrotou o Chelas por 3-0, o Belenenses o Cascais por 6-1 e o Cuf o Estoril por 1-0.

O valor dos grupos concorrentes, nesta fase final, divide-se em dois blocos: Sporting, Benfica, Belenenses, Cuf e Estoril; Chelas, Cascais e Cascalheira.

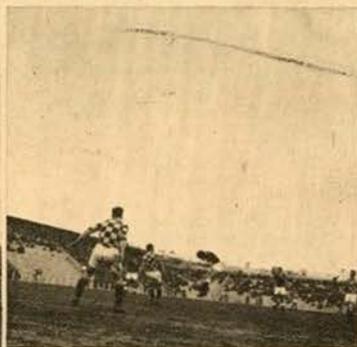
Vai agora disputar-se o título máximo entre os campeões regionais.

Estão já apurados, no Porto, o Leixões; em Coimbra, o Sport Conimbricense, e, em Selúbal, o Aldegalense. O que importa, para bem do futebol: — que apareçam elementos com habilidade para o jogo. Nas equipas de Lisboa há elementos hábeis, embora alguns, possivelmente os de maior jello, nos denunciem certa fragilidade física.

BENFICA venceu e ATLETICO empatou



Aqui já nada havia a fazer... O guarda-rede portuense estava batido



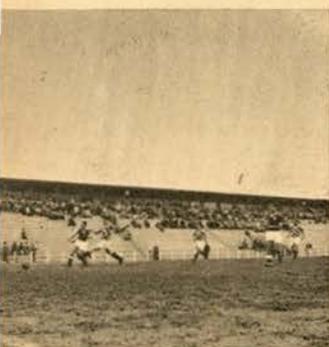
Uma jogada a meio campo. Sem consequências



O jogo fez-se quase sempre sobre a baliza do Boavista. Oscar não parou...



Com segurança, perante o olhar da sua defesa, Oscar pára mais um remate



O ataque portuense tenta dominar a defesa adversária



Um ataque do Benfica ao campo do Boavista. Vinagre segue o lance



Uma das muitas defesas de Oscar



Oscar teve trabalho laborioso. Uma prova, ao devolver a bola para canto, com os punhos



Teixeira mereceu esta homenagem do fotógrafo. Foi a figura central do jogo na Tapadinha



Nova demonstração: — o retrato do jogo, através da fotografia. Domínio insistente dos lisboetas



A bola irá para canto. Teixeira dá-lhe esse caminho!



Tudo à defesa! E tudo ao ataque!



O guarda-rede do grupo visitante, prepara-se para receber uma bola alta



Teixeira garantiu ao seu «team» o empate...



Luta enérgica junto das balizas oliveirenses



Um voo do guarda-rede oliveirense. «Foi o seu dia»

BELENENSES Continua firme!

José Pedro, subindo, remata de cabeça. Barrigana, atento, defenderá!



Está documentada a vitória! O remate de Quaresma, feito em condições favoráveis, não pôde ser defendido por Barrigana

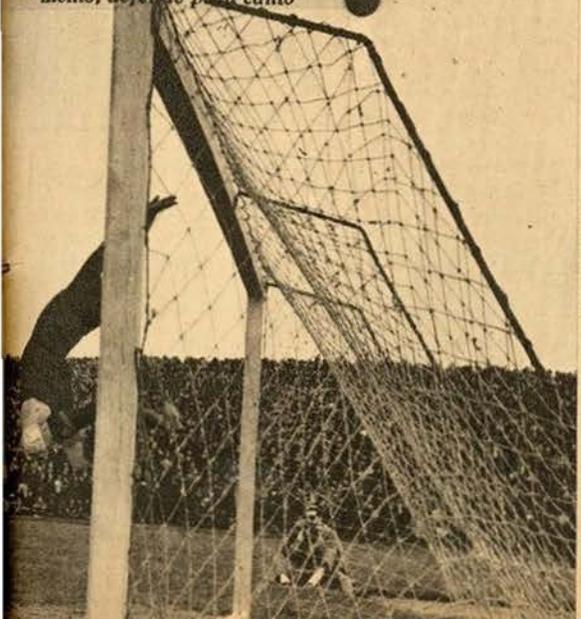


Já se sabe que a defesa do Belenenses não é fácil de bater. O F. C. P., no último domingo, também o não conseguiu



Capela não deixou furar as suas redes. Aqui o apreciamos numa defesa aparatosa carregado por Correia Dias

Araujo, que se não vê na fotografia, executou o remate. É que pontapé! Capela, entretanto, no último momento, defende para canto



Capela teve o seu trabalho para manter as redes belenenses intactas. Nesta defesa, porém, dá mostras de tranquilidade



A VI VOLTA A ESPANHA EM BICICLETA

Valor desportivo da prova — Méritos da organização — Classe dos concorrentes — Análise técnica das primeiras tiradas

(Do nosso enviado especial GIL MOREIRA)

ESTA Volta a Espanha em bicicleta, sexta duma série iniciada pelo jornal «Informaciones» e corajosamente continuada pelo «Ya», é, quanto a nós, analisada no seu aspecto técnico, a mais metódicamente posta de pé e por isso, certamente, deverá resultar na de maior valor atlético e desportivo. Sabendo, por experiência, quanto é difícil criar uma prova semelhante, surpreende-nos a maneira prática, inteligente e até original como são resolvidos certos problemas, dos quais justo será salientar o apoio mecânico e alimentar prestado aos concorrentes, o processo de obter, logo após a chegada, as classificações gerais e ainda a maneira como é prestada a assistência aos corredores durante a competição. É certo que os organizadores contam com inúmeras facilidades; duas delas, talvez as maiores, são a cedência de automóveis para apoio e fiscalização da prova e a cooperação das mais importantes firmas espanholas do comércio de bicicletas.

Nesta corrida — de que os nossos vizinhos podem orgulhar-se, sobretudo atendendo à época que atravessamos, que não permitiu, a outras nações de maiores tradições na velocipedia, ir além de seis jornadas nas provas por etapas — tudo quanto necessitava de estudo ou atenções especiais foi cuidadosamente observado. As faltas que surgem — e há algumas que devem considerar-se normais em iniciativas de tanto vulto — derivam mais dos imponderáveis do que propriamente da organização em si. Não pode esquecer-se que em Espanha o ciclismo tem duas facetas distintas: — a comercial e a desportiva, digladiáveis por vezes mas indispensáveis uma à outra — e isso provoca pequenos incidentes algo inconcebíveis no desporto. Mas, no conjunto, a prova que acompanhamos possui virtudes a par de alguns defeitos, que bem merecem ser analisados mais demoradamente, mas tarefa impossível por agora.

Diremos, contudo, que, na véspera, ou horas antes das partidas, se estas se fazem da parte da tarde, a alimentação para os corredores fica na posse dos respectivos delegados; que devido ao facto de haver certa expansão turística em Espanha, que torna possível encontrar quase sempre hotéis com casas de banho amplas, os corredores têm, à chegada, as suas roupas distribuídas pelos locais de alojamento; que há sempre, em marcha alternada entre os primeiros e últimos corredores, um bem guardado camião de reparações, até com oficina e sol-

dadura, e que segue ainda a caravana uma pequena camioneta para casos ligeiros.

Nos carros acompanhantes apinham-se os «boyaux» sobreceletes, a demonstrar uma fartura que em Portugal não existe; os números dos corredores são de oleado e sempre visíveis e a obrigatoriedade de transportar dois «boyaux» sobreceletes e a chapa metálica no quadro não provoca protestos dos corredores.

Diremos ainda que as partidas são dadas às horas fixadas e os corredores, após as chegadas, não vêm protestar junto do júri as classificações que lhes atribuem.

Há, todavia, nesta Volta, algo com que discordamos e nunca gostaríamos de ver realizado nas nossas competições. Referimo-nos ao uso sistemático e intenso dos excitantes, em que abunda o álcool, e que tornam, por vezes, os corredores inconscientes. Mas esta anomalia em desporto — uso do álcool quando tudo indica a sua proibição — não consegue anular o grande mérito da Volta, competição muito difícil, sem dúvida, na qual já constitui proeza de vulto o chegar-se à última etapa.

Reuniu a prova deste ano um lote de concorrentes valiosos e divididos muito equilibradamente por duas equipas espanholas, isto ao contrário de 1945, em que um só agrupamento comportava a maioria dos homens de classe. De tal circunstância tem derivado o brilho da competição, sobretudo o da segunda e terceira tiradas.

A equipa Gahudo possui homens de grande presteza e muito sabedores, como Berrendero, Délio e Gimenez, a par de Olmos, Langarica e Sancho, bastante voluntariosos.

O grupo subsidiado por «Pirelli», e que representa o Desportivo de Sans, é constituído por Gual, Capó, Martín, Ruiz, Miro e Orbaiceta, tudo gente nova mas excessivamente combativa e de muita classe. O embate destas duas equipas e a réplica que lhes têm dado os holandeses, onde sobressai Van Voorde, um rapazão alourado, que lembra Prudêncio Carneiro; os helvéticos, que se «colam» com facilidade, e alguns individuais, tais como Costa, Fombelida, Vidal e Fout, tornou possível percorrer as duas tiradas Salamanca-Bejar e Bejar-Cáceres, em menos 14 m. 48 s. do que em 1945, isto apesar da inclemência do tempo de agora, que pode considerar-se, para os corredores, a mais terrível tempestade que eles têm suportado.

A própria circunstância de em três tiradas ter havido outros tantos «leaders» é também consequência da enorme rivalidade que

existe entre as duas poderosas equipas castelhanas e do seu igual valor.

Até agora — escrevemos no final da quarta etapa — os nossos ciclistas têm sido infelizes. Nada lhes tem corrido a jeito. Quedas de Rebelo e Jorge Pereira, na primeira tirada, e um frio e uma chuva a que não estão habituados, devem-nos ter inferiorizado bastante. Mas isso não impede que deixemos de reconhecer as insuficiências de preparação e a nula adaptação actual dos nossos estradistas para provas deste género. Se mantínhamos a opinião de que, para uma Volta, não servem os treinos exigidos para três ou quatro corridas clássicas, essa opinião está agora reforçada com o que acabamos de observar.

Ninguém, com a preparação actual dos nossos ciclistas, poderia

fazer mais do que eles nessa tirada B-jar-Cáceres. Não possuíam resistência, hábito, «calor», nem sequer disposição que lhes permitisse replicar aos espanhóis nas circunstâncias em que correram. Enquanto os nossos vizinhos tinham seis provas disputadas debaixo de chuva, duríssimas, e feitas após preparação que fôra intensa, coordenada e fiscalizada por pessoa que tem um programa de trabalho, os nossos vieram com os mesmos treinos que fariam para correr as habituais provas do calendário nacional. É uma lição a aproveitar este mediocre princípio de Volta dos lusitanos.

Resta-nos todavia a esperança, que é quase uma certeza, de que Rebelo, Lourenço, Jorge Pereira, Aristides e Rocha virão a melhorar bastante. O que eles fizeram já na tirada Cáceres-Badajoz — mantendo-se com um «vontade surpreendente, e mostrando-se refeitos do esforço da véspera — deram-nos a entender que uma poderão dar réplica aos melhores e outros serão capazes de, pelo menos, chegar a Madrid.

Podem até afoitamente dizer-se que é a prova que lhes está a servir de treino. Pena é que partam de Badajoz com um atraso de mais de uma hora — diferença que, não sendo coisa de espantar, exige, contudo, para ser anulada ou diminuída, um esforço que deveria estar reservado apenas para suportar a dureza da competição.

Aguardemos assim a última etapa antes do descanso — Badajoz-Sevilha, a fim de se saber se os nossos prognósticos falham...

INICIATIVAS DA «STADIUM»

O torneio de problemistas

Alcançou pleno sucesso a segunda iniciativa da nossa Revista, no campo do Problema de Xadrez.

Foram enviados ao problemista holandês, dr. A. M. Koldijk, juiz do prova, os 30 problemas dos compositores que concorrem neste original torneio: srs. dr. Carlos Eleutério de Almeida, de Lisboa, Oscar Baptista, Póvoa de Varzim, Oscar Pires de Carvalho, Lisboa, José Gabriel Meriz-Graco, Coimbra, José Castro e Melo, Amadora, Rui Nascimento, Lisboa, Jorge Soltto-Mayor Rego, Porto, Artur Pereira de Silva, Venda do Pinheiro, Vasco Casimiro Santos e José Casimiro Vinagre, de Lisboa.

Foram realmente o escol do problema português os dez problemistas concorrentes. Apesar da escassez do prazo, o Concurso desportivo o maior interesse, revelando-nos a existência duma verdadeira aji-

ção problemística no nosso País. É considerável o número de novos praticantes da modalidade. Muitos deles, por razões várias, não puderam ingressar no elenco da prova.

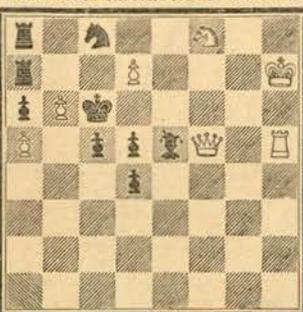
O esmalto que lhes poderia advir dessa competição será amplamente compensado noutra prova, reservada à categoria que muito breve anunciaremos!

Concurso Ibérico de Soluções

Termino no 1.º de Junho próximo o prazo para o envio das soluções. O II Concurso será iniciado logo em seguida à publicação do veredicto do primeiro. Os nossos leitores poderão continuar a enviar-nos as soluções dos problemas que publicarmos entretanto, resultando muito úteis as comunicações sobre eventuais incorrecções e outros defeitos técnicos.

«SEM LEMA VI»

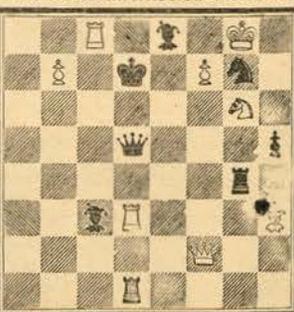
I Concurso Internacional Stadium



2 X

LEMA: «COCO»

I Concurso Internacional Stadium



2 X

O presidente do SPORTIVO DE PEDROUÇOS

fala-nos da vida e dos projectos clubistas



Luís Ant6nio Rosa

NESTE começo de mais uma temporada natalícia, fica bem uma série de reportagens junto dos clubes da especialidade — costume um tanto tradicional desta casa.

Auscular as colectividades que mais de perto andam ligadas à nataç6o. Tomar-lhes o pulso. Saber dos seus projectos e aspiraç6es. E, dado que uma colectividade é um organismo vivo, — nelas, a cada passo, alguma coisa nasce e alguma coisa morre, — trazer para estas colunas algo da sua linha evolutiva, traject6ria sempre condicionada pelas leis inflexíveis da vida.

Sem obediência a qualquer ordem pré-estabelecida ou critério especial, a série inicia-se hoje, pelo Clube Sportivo de Pedrouços, grémio consagrado por 27 anos de trabalho fecundo, probo e generoso.

Colocado, melhor talvez, aperlado entre dois centros desportivos poderosos — Algés e Belém — o Pedrouços tem conhecido, por vezes, épocas difíceis. Com tenacidade digna dos melhores enc6mios, porém, tem-nas sabido vencer.

Presentemente, opera-se dentro do simpático clube um verdadeiro movimento renovador. Custe o que custar, o Pedrouços quer retomar a posiç6o que já conheceu na nataç6o lusitana. Trabalha-se, de facto, intensamente.

Foi essa, pelo menos, a impress6o consoladora que há dias colhemos, na visita, demorada e atenta, que fizemos às suas instalaç6es.

Um presidente

Para a nossa visita às dependências do Pedrouços — onde, nos últimos meses, muitos melhoramentos têm sido introduzidos — não podíamos achar melhor cicerone do que o nosso amigo Luís Ant6nio Rosa, presidente da direcç6o.

Luís Rosa é um «velho» carola do Pedrouços, colectividade que representou durante dezassete anos consecutivos. Foi um nadador valoroso, três épocas seguidas campeão regional de 100 metros-livres juniores, vencedor de uma Transessa do Tejo, na categoria de juniores, e um ano campeão nacional de 100 metros-livres.

Ao «water-polo» deu, também, o melhor do seu entusiasmo, tornando-se um dos primeiros jogadores do seu tempo, tendo sido seleccionado para uma tur-

ma nacional que defrontou o Club Natacion de Barcelona.

Elegendo-o para seu presidente, o Pedrouços reenou na tradiç6o, e encontrou, disso estamos certos, a pessoa naturalmente indicada para iniciar, dentro da colectividade, uma era de renascimento.

«Há que trabalhar com entusiasmo e dedicaç6o»

É, então, altura de fazermos algumas perguntas. Luís Rosa, sempre solícito, vai respondendo. E a vida do Pedrouços perpassa nessa troca de impress6es:

— Que secç6es mantêm o Pedrouços, presentemente?

— As seguintes: nataç6o, basquetebol, vela, ténis de mesa e bilhar.

E desenvolvendo o seu pensamento:

— A nataç6o é, e será sempre, a modalidade-base, a razão de ser, digamos, do Pedrouços. Esta secç6o merece-nos-á cuidados especiais. O clube tem tradiç6es — pergaminhos que é preciso honrar. Além das escolas de onde saem anualmente muitas dezenas de nadadores, e a que daremos o maior incremento, o Pedrouços lar-se-á representar nas provas oficiais.

Entusiasmo não nos falta, embora saibamos perfeitamente quanto é árdua e difícil a obra a que metemos ombros. E, além disso, conto com o Alves Miguel, uma reliquia da nataç6o lusitana, com João Goinhes, Angelo Cruz, Vitor Franco, José Pacheco, Oct6vio São Marcos, e outros.

Uma pausa e o diálogo prossegue:

— E quanto ao basquetebol?

— Procuraremos, também, desenvolver esta secç6o, diligenciando, sobretudo, insallar nas camadas jovens o amor clubista. O Pedrouços tem sido, pode dizer-se afoitamente, um verdadeiro viveiro de jogadores. Fonte de onde saíram alguns dos nossos melhores basquetistas, mas que, por causas que seria de momento ocioso escarpelizar, não envergam hoje a camisola do nosso clube. Mesmo assim, classificámo-nos em quarto lugar no campeonato regional da II Divis6o, sendo de inteiro justiça arquivar os nomes de José Maier, José Brás, José Pacheco, Rui Brás, Joaquim Chagas e Américo Vaz.

O jornalista não tem necessidade de interromper. Luís Rosa continua a expor com clareza e precis6o:

— A vela é uma modalidade que cria raízes fandas no Pedrouços. Esta secç6o segue com bom ramo... E no dia do nosso aniversário organizaremos um grande festival no Tejo.

E a terminar este capítulo: — No ténis de mesa, e em que o Pedrouços foi finalista com o Benfica no 1.º campeonato de Lisboa, reparcereceremos na próxima temporada, o mesmo sucedendo com o bilhar, cujos torneios inter-sócios trazemos em preparaç6o.

Um sonho! Uma piscina de 25 metros

Luís Rosa fala-nos, mais uma vez, da profunda remodelaç6o que se está operando dentro do Pedrouços. Das obras a executar imediatamente na actual piscina e no campo de basquete. Dos melhoramentos que têm sido introduzidos na sede. E tem, então, esta frase — que só por si justificaria a reportagem:

— O grande sonho — que é simultaneamente a grande necessidade do Pedrouços — seria a construcç6o de uma piscina de 25 metros. Ampliaríamos o actual tanque, que ficaria com as dimens6es de 25 x 16,66 metros. E construiríamos uma piscina de características inéditas em Lisboa. Mas isto é um sonho!...

— Um sonho, não — atalhamos nós. Nesta rade batalha que é a vida não há impossíveis... —

E Luís Rosa, com um sorriso, a deixar transparecer confiança, põe ponto final na entrevista:

— Talvez o nosso sonho se converta, num futuro próximo, em esplendorosa realidade!

Não há d6vida. No Pedrouços vive-se, presentemente, uma hora de renovaç6o. Aqui o sabihamos com muito prazer. O Pedrouços é am valor no desporto nacional.

Abreu T6rres

REMO

A abertura da época!

COMEÇOU o remo! Ao longo da muralha da Janqueira, na percurso de 1.500 metros, as tripulaç6es da Associaç6o Naval, Clube Naval de Lisboa, Desportivo da C. P., C. U. F. do Barreiro, Estoril Praia e Ferroviários do Barreiro animaram esta primeira jornada do remo em Lisboa.

De uma maneira geral, estas primeiras provas deixaram-nos boa impress6o. Se bem que as tripulaç6es não fossem totalmente compostas por remadores que agora se iniciassem em competiç6es de remo — a justificar a designaç6o da regata o «Dia do Principiante» — alguns novos deram boa conta de si, embora remando em conjunto com elementos já trabalhados. E pode-se supor que a época vai decorrer em boa animaç6o, pois que estiveram presentes todos os clubes da especialidade, o que demonstra interesse e nos diz que há vontade de trabalho.

Das quatro regatas de domingo, a que proporcionou maior interesse foi a de «Yolles» de 4, pela bela luta entre as tripulaç6es do Clube Naval e do Grapo Desportivo da C. P. Os ferroviários, mais fortes e com elementos já remados, receberam dos jovens do Clube Naval bela resposta e, ao soar o tiro da chegada, o júri verificou que as proas das duas embarcaç6es cortaram a linha ao mesmo tempo. Um empate, resultado raro em provas de remo, obrigou à nova prova, que hoje se disputa. Mas não há d6vida de que este resultado foi

para os principiantes do Clube Naval uma boa vitória.

Na prova de «Shell» de 4 os Ferroviários do Barreiro concluíram a prova com dois comprimentos de avanço, a trazer a vantagem com que em boas remadas venceram os 1.500 metros do rio. Os remadores da C. P. formaram equipa a demonstrar bom valor e o Clube Naval, não podendo logo de início acompanhar os outros competidores, nem por isso deixou de se empregar com energia, deixando-nos perceber boa preparaç6o.

A corrida de «Yolles» de 8 foi um bom triunfo para a Associaç6o Naval. Os seus dois comprimentos de avanço sobre o segundo classificado traduzem melhor poder de remada, impressionando bem o conjunto.

Os ferroviários do Barreiro apresentaram-nos oito remadores em condiç6es de em provas futuras serem adversário difícil. As duas tripulaç6es do Clube Naval igualaram-se e acusam treino, o que é agradável registar neste principio de época.

A prova de «Shell» de 8 teve só um concorrente, a Associaç6o Naval. A tripulaç6o alinhou e fez a prova com plena consciência de competiç6o. O «oitto» cortou bem a água em cadência certa e nos seus remadores, com percentagem maior de gente de facto principiante, ant6mos elementos de boa selecç6o.

A época do remo começa bem. Guardemos agora os campeonatos de juniores, de domingo a oito dias. — F. S.

SETUBAL, ELVAS e ESTORIL

ganharam os seus jogos

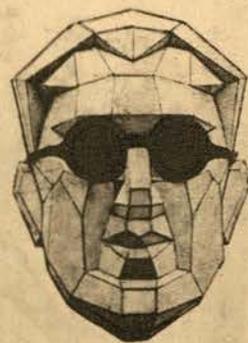


No jogo do Elvas, o campeão de Portalegre deu boa conta de si. Duas jogadas de ataque dos vencedores



Os estorilenses ganharam sem discussão. O seu domínio, se não esmagou — deu a sensação de mais poder. Uma defesa do anarda-redê de Famalicao

No jogo entre os dois Vitória's — o de Setubal levou a melhor. Três fotografias o atestam: ataques dos setubalenses à rede dos visitantes, e uma tentativa de domínio dos vilaranenses que falhou



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1866
Depositiária das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão

138, RUA DA PRATA, 140
Telefone 2 2029 LISBOA

A temporada dos espanhóis no MEXICO

contada por um português e dois mexicanos

O toureiro português António Correia, que no México foi carinhosamente recebido pelos toureiros da terra e com eles toureou ali 24 corridas, vem visitar-nos acompanhado pelo novilheiro mexicano José García e pelo filho do famoso Rodolfo Gaona. Tanto o nosso compatriota como os dois mexicanos são rapazes inteligentes e sabem falar de touros e toureiros, o tema que nos interessa, e deram-nos notícias directas do que fizeram os toureiros espanhóis durante a última temporada do México.

«Manolete» causou ali profunda impressão, logo na tarde da sua estreia no México, em que, depois de ter marcado a sua posição, se deixou colher com raro pun-donor — diz-nos Gaona.

— Antes dele chegar já se não falava doutra coisa, tão entusiásticas eram as notícias idas de Espanha e, se as não confirmasse, o caso seria falado e teria funesta repercussão na temporada mexicana — acrescenta José García.

— Mas «Manolete» tudo confirmou, na capital e nos Estados, e foi já contratado para a próxima temporada — conclue António Correia.

— É um toureiro de grande personalidade, com espantosa valentia, consciente e calma — volta a dizer García.

— Note que no México quem prefira a arte fina de Pepe Luis que, apesar de haver tido pouca sorte com os lotes de touros, teve detalhes preciosos e terminou a temporada cortando orelhas — diz agora José García.

— Também Pepe Martín Vasquez teve muitos êxitos e deixou admiradores, tantos que muitos protestaram quando no final foi atribuído a «Armillita» um troféu que lhe pertencia — aclara Correia.

— Outros matadores de touros espanhóis agradaram no México, e também os mata-

dores de novilhos que tourearam tanto que até prejudicaram os mexicanos da mesma categoria — observa José García.

Perguntamos pelos touros do México e os nossos tres entrevistados dizem-nos que alguns saem muito bravos e quase todos bons para os toureiros, e mostram-nos fotografias duma vaca de puro Satillo e de bezerras investindo bem para a vara do picador, aquele «Conejo» que com Gaona andou por Espanha e agora continua picando no México, onde é também «ganadero».

O filho de Gaona mostra-nos uma fotografia de seu pai, mais gordo, com alguns cabelos brancos, mas ainda bem conservado, com seus 58 anos de idade. Proprietário riquíssimo, disfruta de merecido prestígio no México, mas não deixa de recordar com nostalgia as suas temporadas em Espanha que projecta voltar a ver, após uma ausência de vinte anos. Não ignora o filho de Rodolfo Gaona que quem estas linhas escreve foi amigo de seu pai, mas não seu partidário. O livro «Meio século a ver touros», que leu durante a viagem, não lhe deixou dúvidas quanto a termos sido «Gallistas» no final da vida tauromáquica de Rodolfo Gaona. Mas sabe também que seu pai nunca deixou de escrever-nos e que nós o visitávamos em Madrid e acompanhámos em Lisboa quando aqui passou uma temporada e lhe foi oferecido um banquete a que assistimos, há bons trinta anos. Não nos guarda, portanto, nenhum rancor, e é com simpatia que nos diz que ele próprio taureou em festivais até que seu pai, conhecedor dos riscos da profissão, o mandou estudar na América do Norte, para o afastar de tentações no México.

Recordamos a propósito que o mesmo fez aquele grande toureiro que foi Ricardo Torres «Bombita» e que na última passagem por Lisboa, meses antes de falecer em Sevilha, nos disse que mandaria seu filho

para Inglaterra se em Espanha se lhe pegasse o micróbio do toureiro.

Cabe agora a vez ao filho de Gaona e a José García, de nos perguntarem pelos antecedentes de «Manolete» e de Pepe Luis e notícias deste e de Pepe Martín Vasquez nas corridas da feira de Sevilha. Dissemos que a «Manolete» o vimos em 1937, em Sevilha, na primeira novilhada de Pepe Luis com picadores. O de Cordova era então um toureiro «basto» que matou admiravelmente, e toda a nossa admiração foi para Pepe Luis que, com a «muleta» enrolada na mão esquerda e logo despegada em iniciais passas naturais, surpreendeu os andaluzes, até o próprio Juan Belmonte que a Domingo Ruiz disse que aquilo assim não o tinha feito ninguém, e que aos que duvidassem podia dizer que o afirmava Juan Belmonte García. Depois afinou «Manolete» o seu toureiro, e Pepe Luis, continuou artista mas, prejudicado pela colhida de Santander, deixou que se malograra a parilha que estava indicada: «Manolete»-Pepe Luis. E foi então que chegou Arruza, picando «Manolete» e empareilhando com ele. Nas corridas da Feira de Sevilha, ausentes ambos, cortou uma orelha Pepe Luis e perdeu outra Pepe Martín Vasquez por copiar «Manolete» na má pratica de ir trocar o estoque da maldra pelo de ar.

E assim, ganhando bom dinheiro a empreza de Sevilha, todas as outras estão perdendo com as corridas de touros, pelo que a temporada deve ser mais fértil em novilhados, permitindo que se coloquem novilheiros como o nosso Diamantino, como «Vito» e como José García e outros que venham do México.

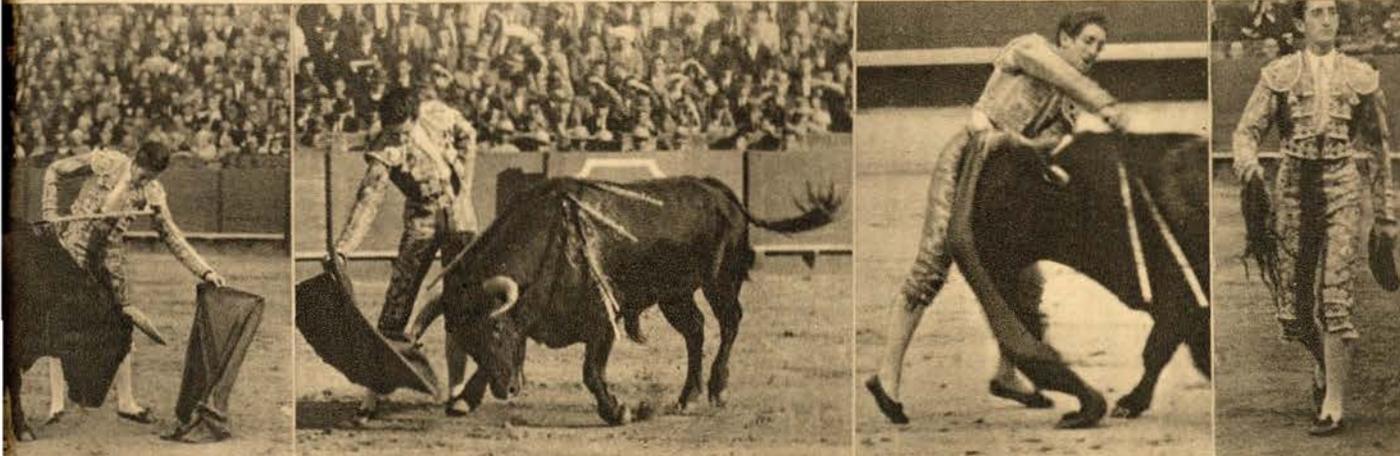
Regressarão no final do mes corrente os dois toureiros dos olhos escuros, o Monstro e o Ciclone, mas o primeiro anuncia que não quer tourear em Espanha e apenas descançar até voltar ao México.

Veremos. Muitos milhões já ele tem, mas o dinheiro é tão bonito! Resistirão «Manolete» e Camará às ofertas que certamente lhe vão ser feitas em Espanha?

Enfim, não perdemos as esperanças de os ver, pelo menos a Arruza, a partir das corridas de S. João em Badajoz. Com esta esperança ficamos, e com ela se despede de nós o filho de Gaona que deseja vê-los a «Manolete» e a Arruza em E panha, e mais ao último porque nasceu na sua terra e não se deixou lá ver este ano.

«El Terrible Perez»

A EVOLUÇÃO DO TOUREIRO DE MANOLETE



«Manolete, — o ausente», toureava assim quando o vimos pela primeira vez numa novilhada com picadores, em 1937 e na «Maestranza» de Sevilha, na mesma tarde em que apareceu Pepe Luis Vasquez com a «muleta» enrolada na mão esquerda e iniciando a «faena» com um natural, sem «tanteos», seguido doutros e rematados com o de peito. «Manolete» era ainda um tanto «Casto», como se verifica, ainda que já corresse bem a mão esquerda e a direita. O que «Manolete» então fazia de forma admirável era matar, como também se pode verificar, molhando os dedos, e já nesta sua primeira fase cortava orelhas e rabos com a seriedade arabe e romano do Grande Capitão de Cordova

na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

TÍNHAMOS razão. No nosso último número, reprovando o procedimento do árbitro do jogo Sporting-Porto, falámos da «perseguição» a Correia Dias. Vimos isto do Porto. Num colega de Lisboa, semanário desportivo «A Bola», jornalista muito distinto abordou o assunto nos seguintes termos:

«No encontro Sporting-F. C. Porto deu-se um facto para o qual não é demais chamar a atenção de quem queira entender...»

Trata-se de Correia Dias. O avançado centro dos portuenses é, como se sabe, um jogador pesado. Naturalmente, o seu peso tem de se fazer sentir nos choques e, principalmente, quando ele, «cobrindo a bola com o corpo», o que faz com bastante perfeição, deixa o adversário afastado dela e sujeito, na maior parte das vezes, a derrube — porque esbarra e cai. Pois, pelos modos, os árbitros ainda não entenderam neste particular, em nosso entender tão fácil de compreender, e o resultado é obrigarem-no a desistir de jogar como pode e sabe. É errado este procedimento e, mais ainda, porque Correia Dias é dos mais correctos jogadores que pisam os nossos campos de futebol».

Não se diga que somos parciais...

♦ CONSTA que o F. C. do Porto se vai decidir pelo abandono da prática do andebol. É' pelo menos voz corrente nos cafés, nos centros de cavaco.

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. O F. C. do Porto não tem o direito de tomar semelhante atitude, visto que pertence aos seus sócios, à própria cidade.

♦ FOI NOMEADO o sr. dr. Ordóñez, do Académico F. C., para fazer um inquérito aos incidentes que envolveram a falta de comparação do F. C. do Porto ao jogo — repetição com o Vigorosa.

Trata-se de um desportista correcto e seabedor. E por certo senhor de serenidade indispensável — que muita falta terá feito na apreciação de vários assuntos. É imparcialidade. Muito imparcialidade.

♦ O LEIXÕES ganhou o campeonato regional de júniores, batendo na final o F. C. do Porto por 1-0. Depois de uma carreira impressionante dos vencidos, tomaram no campo do adversário, também valoroso e capaz de dar boa conta de si no torneio máximo. Isso lhe desejamos.

Coisas do andebol

O xadrez do andebol portuense complica-se de vez em quando, e com muita facilidade. A modalidade tem prosápias de senhora rica, graças a um público que a estima e, com certeza, a uns clubes que lhe rendem homenagem. Há uma colectividade, o F. C. do Porto, que há 7 anos é campeão nacional, e isso nos indica bom esforço e determinada dose de personalidade. Como os outros, claro. Mas...

Há semanas, realizou-se um jogo de campeonato, entre o F. C. do Porto e o Vigorosa, e o primeiro ganhou o encontro. Pela tangente. O Vigorosa protestou o desafio, e o conselho técnico resolveu anulá-lo. Até aqui, mesmo considerando que os técnicos são por vezes impiedosos a decidir sobre casos desta natureza, sem consideração alguma pelos direitos legais da vitória, que representa esforço indiscutível e honesto, — está tudo certo.

Mas o F. C. do Porto, sacando os seus direitos de filiado, únicos de que não pode separar-se, — recorreu para a Federação. Está bem de ver que, estando a entidade máxima a julgar o assunto, deveriam os seus efeitos considerar-se suspensos. Não aconteceu assim, porém. A A. H. do Porto, marcou o jogo repetição. Nesse caso — para que poderia servir a autoridade federaliva?

A F. P. de H. oficiou à Associação do Porto a informá-la que o recurso estava a ser apreciado; que deveria a Associação aguardar decisões. O ofício partiu no dia 3, de avião. Todavia, a Associação do Porto, teve pressa e insistiu em marcar o desafio para o dia 5...

O F. C. do Porto, não comparece. Logo a entidade dirigente do andebol portuense resolve, imediatamente, com a máxima pressa, aplicar ao campeão de Portugal 2 mil escudos de multa, suspensões, inquéritos — o diabo.

Perguntamos agora ingenuamente: — e se a Federação homologar o jogo, o que primeiro se efectua? Que razão especial determinava a repetição de desafio, quando na F. P. H. existia um recurso? Mereceria o passado do F. C. P., com história brilhante no andebol, que a sua Associação fosse tão áspera, tão apressada?

A Associação, afinal, não tinha ouvido o árbitro do encontro, principal figura, única figura que não deveria ficar de fora. Tene a Federação de o fazer — e já o fez. Em poucos dias, colheu declarações ao árbitro...

Com o processo incompleto, parece-nos bem que julgou precipitadamente o Conselho técnico portuense. E mais precipitada a decisão directiva, que insistiu em marcar um jogo sujeito a investigações superiores. Os castigos, como é evidente, assentam num fundo falso, sem existência legal. Logo...

Monte Negro Azul

O F. C. do Porto no Brasil?

JÁ há muitos anos que se falou numa possível visita do F. C. do Porto ao Brasil, onde os campeões portuenses têm muitas simpatias. Volta a falar-se no assunto.

A direcção do campeão nortenho, depois de alguns avisos de

pessoas ligadas ao caso, acaba de receber as propostas escritas. E são aceitáveis. A Direcção do F. C. do Porto está a estudar as propostas vindas do Brasil, tudo levando a acreditar na sua aceitação.

Segundo se afirma, e por certo é verdade, o F. C. do Porto convidará alguns jogadores portugueses a reforçar a sua equipa, falando-se já em vários nomes, além de outros que, segundo se afirma, pensam transferir-se para o campeão nortenho.

A viagem, a efectuar-se, terá lugar no defeso, logo após a disputa da «Taça Portugal». Por ora, o que há de verdade é apenas isto: — o convite para que a deslocação se faça. Isso podemos garantir aos nossos leitores.

A Iluminante
MATERIAL ELECTRICO
PARA TODAS AS
APLICAÇÕES
Avenida Almirante Reis, 6
LISBOA

UM ATLETA

portuense



António Rodrigues era um jogador excepcional de basquete. Um defeso de «primeira água», sem dúvida dos melhores que Portugal tem possuído.

António Rodrigues principiou no Vasco da Gama, ou melhor, sellentou-se no popular campeão portuense de basquete. Foi seleccionado para várias equipas da cidade do Porto, e dentro delas pôde demonstrar as suas extraordinárias faculdades de jogador.

No epogeu da sua carreira, António Rodrigues passou a defender as cores do F. C. do Porto. No popular clube nortenho, dedicou-se também ao andebol, e conseguiu sellentar-se a ponto de ser escolhido para o conjunto representativo do Porto, há alguns anos. Foi campeão de Portugal neste modalidade.

Nos últimos dois anos, porém, António Rodrigues teve de abandonar, a conselho médico, a prática de várias modalidades desportivas. Ainda regressou este ano, para defender de novo as cores do F. C. do Porto e treinar os júniores de basquete do mesmo clube.

António Rodrigues, se não fora o seu afastamento inesperado, e que nada fazia prever, devia ainda ao basquete e ao andebol o prestígio da sua classe, visto que se trata de um rapaz novo. Quando defeso, ao lado de Domingos Parker, há muito afastado, António Rodrigues impressionava tanto como «Pima», Afílio ou Dias Leite. A sua classe não era inferior à de «Pima», embora os seus estilos fossem diferentes. E um era defeso e outro avançado.

Ainda esta época, num jogo que o F. C. do Porto venceu, contra o Vasco da Gama, nos conseguiu Rodrigues demonstrar todas as suas qualidades de grande jogador.

Voltará aos nossos campos de basquete? Oxalá. Por dois motivos: porque a modalidade precisa sempre de bons praticantes; e porque teríamos a certeza de haver recuperado definitivamente a sua saúde perdida.

Comentários...

As funções do dirigente

A circunstância de ter seguido incompleta a equipa de ciclistas portugueses que participariam na Volta a Espanha, coloca-nos ante uma situação mal definida, mas que traduz seguramente qualquer desarranjo lamentável no maquinismo da hierarquia desportiva.

Seleccionados os componentes da representação nacional, logo após a disputa do campeonato federativo, não surgiram quaisquer indicações de dificuldade em relação aos corredores escolhidos; nesta conformidade, a Federação supôs, e bem, que, salvo impedimento de última hora — como foi o caso daqueles que a inspecção médica considerou incapazes — podia contar com a colaboração dos seis homens indicados.

Surpreende, portanto, que só três dias antes da data fixada para a partida, fosse comunicada a impossibilidade do corredor português Moreira, por motivos que já eram de longa data conhecidos dos seus dirigentes desportivos. Houve, aqui, duas peças da máquina que não trabalharam em perfeita harmonia.

Na orgânica actual do desporto português, a par da liberdade de acção de cada núcleo dentro dos preceitos gerais estabelecidos pela lei, mantém-se a mais íntima coordenação entre os diferentes escalões, no propósito de conseguir o melhor rendimento para o trabalho comum, subordinado, em primeira instância, ao interesse e prestígio do desporto português.

Ser bom dirigente é cada vez mais difícil, porque as funções que lhe compete desempenhar projectam-se hoje muito além do âmbito restrito da sua esfera de acção.

Há uma directriz única: a das conveniências nacionais, que deve estar sempre em vista, tanto para os dirigentes dos organismos superiores como para os que superintendem nas organizações clubistas.

Não podem tolerar-se actualmente reservas por conveniência própria quando esteja em jogo a representação do país; se o objectivo é único, aparece, como a mais natural das bases de acção, uma íntima, leal, desassombrosa e completa colaboração.

Todos sabemos que existem razões superiores à vontade, que justificam maneiras excepcionais de proceder, mesmo com desvio do trilho recto do interesse colectivo. Mas essas razões impõem atitudes imediatas, não se disfarçam aceitando compromissos que de anemão se sabe serem impossíveis de cumprir.

Na melhor das intenções se pode pecar; o conveniente é tirar ensinamentos do erro, para que não volte a repetir-se, então sem excusas admissíveis.

Alerta, atletas portugueses!

Os factos se estão encarregando de demonstrar o bom fundamento e a previdência sensata que guiam os federalistas portugueses nas suas recomendações de cuidadosa preparação a quantos atletas se lhes afigurou serem susceptíveis de contribuir para a valorização do grupo representativo português que há-de deslocar-se a Barcelona em Julho próximo.

A fácil, demasiado fácil vitória dos atletas portugueses no «match» peninsular do ano passado, rejubilando a todos, apenas conseguiu deslumbra e iludir aqueles que desconheciam o verdadeiro valor do atletismo espanhol.

Justíssimo triunfo, correspondendo a superioridade global efectiva dos nossos atletas, mas sem equivalência real com a diferença de classe que separa as duas melhores selecções de ambos os países.

Toda a crítica sensata e competente incluía, logo nos comentários imediatos ao encontro, um prudente aviso de que não adormecemos a sombra dos louros colhidos, porque a tarefa deste ano seria muito mais pesada e perigosa. Lutaremos em terreno adversário, de um adversário que anseia pela desforra e para tal empenha todos os seus vastos recursos.

Recebemos há dias a lista dos melhores resultados espanhóis na temporada de 1945, elaborada pelo técnico e dirigente catalão sr. José Corominas, a mesma a que já foi feita referência na secção desportiva do diário «Vitórias»; do confronto com as melhores marcas portuguesas correspondentes, confirma-se a nossa superioridade nos primeiros planos, mas, também, o muito maior número de atletas de que dispõem os nossos vizinhos.

Fantasiando um encontro entre os dois melhores atletas, os dois que encabeçam as listas peninsulares nas provas do «match» Portugal-Espanha, a pontuação (idêntica à adoptada pelas duas federações) ser-nos-ia favorável por 106,5 a 77,5, incluindo as duas estafetas por adição de tempos dos quatro melhores homens.

Se o encontro opusesse os três melhores de cada país, conservaríamos a vitória por 202 a 177; ainda conseguiríamos vencer se as equipas fossem formadas por quatro representantes em cada prova, 325 a 316, mas somando os pontos dos cinco melhores de cada lado, já a superioridade passaria para os espanhóis, por 497,5 a 474,5, aumentando progressivamente de aí em diante.

Esta abundância de recrutamento de valores, aliada ao desejo de trabalho, é o grande perigo para as nossas ambições. Cuidado, atletas portugueses!

Os campeonatos universitários, que acabam de celebrar-se em Madrid, dão aviso antecipado: 100 metros em 11 s., 200 metros

Os melhores do Mundo em velocidade e barreiras

A lista dos melhores corredores mundiais é mais difícil de estabelecer com segurança do que as dos concaristas, porque são em muito maior número os competidores e, também, porque abundam os resultados que se anunciam e não chegam a ser homologados.

Vamos hoje apresentar as indicações referentes às provas de velocidade e barreiras, em todas as quais se verifica nítida, por vezes esmagadora, superioridade americana.

Na corrida de 100 metros correspondem os 1.000 p. finlandeses a 10,5 s., tempo que não pode hoje ser considerado de valor excepcional.

A melhor marca atingida é de 10,2 s. (1109 p.) e foi oficialmente creditada a dois atletas dos Estados Unidos: o negro Jess Owens e o loiro Harold Davis, o primeiro em 1935, o segundo em 1941.

Com um décimo mais, 10,3 s., encontramos: os americanos Tolan, Metcalfe, Peacock, Wallender e Ewell; os alemães El-dracher, Koernig, Jonath e Borchmeyer; os canadianos Williams e Mac Phee, e o holandês Berger e o argentino Bonh II, que, na época passada, estabeleceu o novo recorde sul-americano.

Nos 200 metros, onde são atribuídos 1.000 pontos a 21,2 s., a vantagem dos especialistas americanos é absoluta, como vamos ver: o recorde mundial pertence ao mesmo Jesse Owens com 20,3 s. (1153 p.), seguindo-se-lhe também o mesmo Harold Davis com 20,4 s.

No escalão imediato, 20,5 s., cinco americanos do norte: Locke, Bennet, Crane, Wallender e Ewell; com 20,6 s. mais oito homens dos Estados Unidos, Simpson, Wykoff, Montagne, Young, Neogess, Jeffrey, Brown e Parker e um australiano, Carlton.

O detentor do recorde do Canadá, o melhor depois dos dois países citados, é Orr, com 20,8 s.; o mínimo tempo europeu pertence ao alemão Koernig com 20,9 s. e o sul-americano ao brasileiro Assis, com 21,2 s.

Passando aos 400 metros, encontramos ainda grande vantagem do conjunto americano, mas entremeadada já com nomes de outras nações, entre os quais

prima o do alemão Harbig, detentor desde 1938 do recorde mundial com 46 s. (1147 p.), proeza igualada em 1941 pelo norte-americano Klemmer.

Seguem-se na tabela onze outros americanos: William, Kerns, Boardland e Taylor com 46,1 s.; Carr, com 46,2 s.; Lavalle, com 46,3 s.; Eastman, Kane e Diebolt, com 46,4 s.; Mallot com 46,6 s.

Ainda com tempos inferiores a 47 s., registamos: Brown (Inglaterra); Orr (Canadá), Smallwood (E. U.) e Lanzi (Itália), com 46,7 s.; Roberts (Inglaterra), Hardin e Woodruff (E. U.), com 46,8 s.; Benke (E. U.), 46,9 s.

O actual recorde sul-americano pertence ao mesmo corredor brasileiro Bento de Assis, com 47,6 s.

Se passarmos para as provas de barreiras, o predomínio técnico dos estado-unidenses nos 110 metros é absoluto; nos primeiros 25 pontos, pertencem-lhes 20.

Cotados em 1.000 p. os 14,6 s., a lista começa assim: Towns e Wolcott, 13,7 s., recorde mundial (1180 p.); Kirkpatrick, 13,8; Hlad e Duggers, 13,9 s., todos americanos.

14 s. — Osgood, Wright, Batiste, Owens, Tate, Keller (E. U.); Levery (sul-africano) e Lidiman (suécio).

14,1 s. — Finlay (inglês), O'Connor (canadiano), de Smith (sul-africano), seguindo-se mais 8 americanos com 14,2 s.

Nos 400 metros com barreiras (1.000 p., 55 s.) ocupa o primeiro lugar o americano Hardin, com 50,6 s. (1134 p.), precedendo destacado um grupo internacional de 4 homens: o alemão Hoelling e o americano Mac Bain, com 51,6 s.; o irlandês Tisdall e outro americano, Patterson, com 51,8 s.

Seguem-se: 52 s. — Glaw (Alemanha), Taylor e J. Smith (E. U.); 52,1 s. — Cummings e Cochran (E. U.); 52,2 s. — Burghley (Inglaterra), Benke e Johnson (E. U.); 52,3 s., Scholfield (E. U.); 52,4 s. — Facelli (Itália), Petterson e Larsson (Suécia).

Os recordes sul-americanos para as corridas de barreiras são, respectivamente: 14,8 s., por Padilha (Brasil) e Lavenas (Argentina), e 53,5 s. pelo mesmo Padilha.

Salazar Carneira

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Custo por número...	2\$00
3 meses, Esc. ...	26\$00
6 » » ...	52\$00
12 » » ...	104\$00

em menos de 1 m. 59 s., 1.500 metros em 4 m. 10,4 s., 110 metros barreiras em 16 s.; 7,09 metros em comprimento, 59,4 s. nos 400 metros barreiras, 4x100 metros em 44 s., o dardo atirado a 56,78 metros.
Cautela, muita cautela...



No Lumiar disputou-se um novo encontro Lisboa-Porto, em andebol. Os lisboetas ganharam por 5-4. Nestas fases, à esquerda vê-se o 1.º «goal» do Porto, e à direita, o primeiro tento de Lisboa. Ao meio uma fase do jogo.

O grupo da Medicina Veterinária, vencedora do jogo de «rugby» contra o Técnico



Uma fase do jogo de «rugby» entre as equipas universitárias Veterinária e Técnico

ACTUALIDADES desportivas



O remo deu-nos já um ar da sua graça. No domingo disputou-se o «Dia do Principlante», tendo-se verificado excelente concorrência. Publicamos o «oitto» da Associação Naval, vencedora de uma das provas



O Benfica, vencendo o Vasco da Gama, campeão do Porto, colocou-se em situação admirável. Poderia ganhar o título de campeão nacional de basquete, a menos que perca ou empate em Coimbra



Disputou-se há dias a final do campeonato militar. Ganhou o grupo dos Pontoneiros de Tancos, que se vê em cima. A seguir, as entidades militares que assistiram ao jogo



Os aquilões portugueses, que na Suíça tiveram admirável comportamento, foram homenageados pela Associação de Patinagem do Sul. Efectuou-se um banquete, no Avenida Palace, tendo comparecido o sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, Director Geral dos Desportos, dr. Ayala Boto, capitão Santos Romão e outras individualidades.

Na Câmara Municipal de Lisboa também os nossos internacionais foram recebidos pelo sr. tenente-coronel Salvação Barreto, que lhes dedicou palavras de muita simpatia. A' esquerda, uma fase da cerimónia. Nas três fotografias seguintes — aspecto do banquete.



Stadium

A ILUMINANTE

MATERIAL ELECTRICO
PARA
TODAS AS APLICAÇÕES

*Av. Almirante Reis, 6
L. do Intendente, 11 a 17
Lisboa*

*R. Passos Manuel, 209
Porto*

Esc. 2\$00